

A grande crise

RAUL PILLA

A CADA crise ministerial francesa alarmam-se os que, no Brasil, reconhecem a necessidade da reforma das instituições políticas. Se em França é o parlamentarismo o que se está vendo — raciocinam eles — que não será no Brasil?

Esta dúvida, que não chega a ser objeção, senão para os que tudo ignoram da matéria, repousa em vários equívocos.

O primeiro é considerar-se o regime francês como modelo do sistema. Não o era antes de Vichy, quando a intervenção do Senado paralisava o delicado mecanismo parlamentarista; não o é depois de Vichy, como há dias acentuava o notável comentarista sr. Barreto Leite Filho. Fugindo ao clássico, que é a sedimentação de longa e trabalhosa experiência, lançaram-se os franceses aos azares da inovação, nem sempre bem inspirada.

O segundo equívoco consiste em supor que uma crise ministerial represente catástrofe, ou quando menos, uma detenção na vida nacional. Acostumados como estamos, ao governo pessoal e mais ou menos ditatorial, em que tudo emana do Pai Grande, não compreendemos possa a vida nacional prosseguir normalmente, durante a ausência de um governo formal. Mas a verdade é que, em democracia, e, muito principalmente, em democracia parlamentar, administração e governo são relativamente independentes: o governo pode mudar, mas a administração é estável, e tanto mais estável, quanto mais mudável é o governo. Em França — a observação é de um dos nossos mais ilustres jornalistas — quem não souber da crise pela leitura dos jornais, nada perceberá que lhe indique: tudo decorre como habitualmente.

O terceiro equívoco — muito mais erro do que equívoco — é deixar de fazer a necessária discriminação entre as condições morais, sociais, econômicas, políticas, etc., de um país, e o mecanismo constitucional que tais elementos terá de pôr em jôgo. Assim, todos quantos nos acostumamos a amar a França não podemos deixar de estabelecer um triste paralelo entre o povo francês e o inglês, na atualidade. Este aceitou estoicamente e continua fazendo os maiores sacrifícios para salvar o país, duramente provado pela última conflagração; aquêle, já antes de explodir a guerra, mostrava sinais inequívocos de profunda crise moral. Analisem-se, com efeito, as causas das repetidas quedas de gabinete na França e, no fundo, se há de encontrar, além das criminosas manobras dos extremistas, a pouca disposição geral para aceitar os sacrifícios impostos pela situação. Não poderia ser mais eloquente o paralelo entre os dois grandes povos, ambos regidos por sistemas análogos, mas um doente e o outro ainda saudável.